



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Eixo Temático: Educação, Diversidade e Inclusão

UM OLHAR SOBRE AS DIFERENÇAS: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Laise Maria Bolis¹
Mônica de Souza Trevisan²

RESUMO

A escola inclusiva deve ser aquela que recebe e inclui a todos os alunos sem discriminar cor, raça, etnia, gênero, orientação sexual e/ou qualquer condição física e psicológica. O objetivo deste trabalho é refletir sobre os desafios da inclusão vivenciados durante o desenvolvimento do estágio na docência em uma escola municipal do interior do estado do Rio Grande do Sul, na disciplina de Ciências em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, o trabalho é baseado nas observações vivenciadas na prática docente e nos desafios relacionados à inclusão em uma sala de aula diversa e com visíveis conceitos e preconceituosos enraizados. Observa-se por fim que a experiência da docência é um desafio diário buscando, além dos conteúdos curriculares, a convivência com as diferenças, a empatia e o reconhecimento das individualidades e qualidades de cada aluno, tornando o espaço escolar um lugar seguro, menos preconceituoso e acolhedor.

Palavras-chave: Aprendizagem. Docência. Inclusão.

INTRODUÇÃO

O estágio curricular supervisionado é parte integrante dos cursos de nível superior, tendo como um de seus objetivos estabelecer o primeiro contato de muitos estudantes com o mundo de trabalho, especialmente nos cursos de licenciaturas, este contato ocorre com a escola. Rotineiramente faz parte do projeto pedagógico dos cursos de licenciatura e visa o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, visando o desenvolvimento do até então aluno para a vida cidadã e para o trabalho como futuro professor (RODRIGUES, 2013).

¹ Aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha campus Panambi. E-mail: laisebolis@gmail.com.

² Professora orientadora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha campus Panambi. Doutora em Educação. E-mail: monica.trevisan@iffarroupilha.edu.br.



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Leis e documentos oficiais, defendem a criação e execução de políticas públicas tanto para a educação inclusiva como para a formação de professores qualificados para a educação inclusiva na tentativa de diminuir os efeitos da exclusão e atender a nova demanda social, ensinar a todos, sem distinção (ALMEIDA *et al.*, 2007). No Brasil o direito a educação de qualidade, compreendida como aquela que garante a todo educando uma formação omnilateral e cidadã, é garantida pela Constituição Federal Brasileira de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 (SILVA; CARVALHO, 2017), sendo considerada dever do estado e da família (BRASIL, 1988).

Quando se fala em inclusão, logo pensamos em sujeitos que possuem alguma deficiência, no entanto, conforme trata Almeida *et al.* (2007) cabe ressaltar que a escola inclusiva deve ser aquela que recebe e inclui a todos os alunos sem discriminar cor, raça, etnia, gênero, orientação sexual e/ou qualquer condição física e psicológica.

A inclusão está direcionada às pessoas que possuem uma identidade e de algum modo se sentem excluídas, não está diretamente ligada apenas às pessoas com deficiência. Isto é, ao estar na condição de “incluído”, esses sujeitos devem ser vistos como iguais a todos (LÚCIO, 2021), em termos de direitos e oportunidades. Deste modo, a escola inclusiva é aquela que se prepara para atender, indistintamente, a todos aqueles que efetuam matrícula no sistema regular de ensino, proporcionando, oportunidades de se construírem enquanto sujeitos. (ALMEIDA *et al.*, 2007)

Esta pesquisa se justifica, pois, é no momento da realização do estágio, enquanto atividade acadêmica, que ocorrem as reflexões acerca de como os saberes docentes são aprendidos e de como podem ser trabalhados, aliando o conhecimento acadêmico com a vivência prática do ser docente. Esse também é o momento onde são construídas as visões sobre o ensino de Ciências e as aprendizagens baseadas nas experiências pessoais e desconstruídas as expectativas, anseios, tensões e conflitos entre o que se sabe ou idealiza e aquilo que efetivamente pode ser realizado na prática, se constituindo nos saberes que compõem a identidade do futuro professor.

Nesse sentido, este trabalho busca refletir sobre os desafios da inclusão vivenciados durante o desenvolvimento do estágio na docência em uma escola municipal do interior do estado do Rio Grande do Sul, na disciplina de Ciências em uma turma de 6º ano do Ensino



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



Fundamental. Refere-se ao Estágio Curricular Supervisionado (ECS) II, com enfoque na regência, e em continuidade das observações anteriormente realizadas no ECS I.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Metodologia da Pesquisa

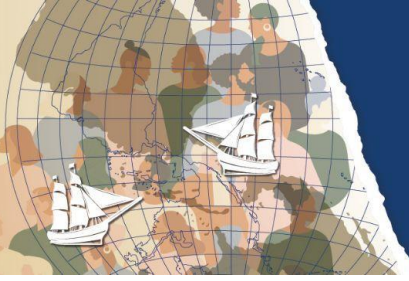
A atividade foi elaborada e desenvolvida a partir da disciplina de ECS II do curso de Ciências Biológicas licenciatura do Instituto Federal Farroupilha campus Panambi. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, ou seja, realizada de forma a verificar o andamento das aulas, a receptividade das propostas metodológicas e o comportamento dos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental frente a sequência didática proposta, além de realizar uma análise crítica na busca de proposições adequadas para uma turma bastante heterogênea e com visíveis preconceitos enraizados. Desse modo, as reflexões contidas nesse artigo são produto das observações realizadas ao longo do desenvolvimento da regência.

Para organização deste artigo foi considerado como fonte para análise as observações realizadas no ECS I, o planejamento das aulas foi pensado com base nos conteúdos previstos pela organização curricular das escolas municipais de modo a organizar uma sequência de descrição e análise com enfoque nas características da turma e nos conflitos ali observados. Também foi considerado o processo de planejamento, desenvolvimento das aulas e avaliação da turma, registrados em um portfólio que documentou o processo de Estágio.

Metodologia do Ensino

As aulas foram ministradas em uma turma do 6º ano do ensino fundamental na disciplina de Ciências. A turma é composta por 18 estudantes de 12 a 14 anos, a maioria meninos (12 meninos e 6 meninas), três pardos, três estudantes diagnosticados com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e um estudante sem diagnóstico, porém com dificuldade de aprendizagem observada e encaminhada pela escola.

O período de realização das aulas foi de 22 de agosto a 24 de outubro, totalizando 20 horas/aula. A maioria das aulas foram desenvolvidas com atividades de experimentação na própria sala de aula, sendo uma desenvolvida no laboratório de ciências da escola com a



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



visualização celular em microscópio. As atividades de experimentação foram planejadas pensando em soluções criativas que despertassem o interesse da turma pelo ensino de ciências, não se usando necessariamente recursos digitais, os quais a maioria dos alunos já passa boa parte do dia em contato.

O conteúdo trabalhado foi célula como unidade básica de vida, tipos celulares, organelas celulares, origem da vida e suas teorias, seres unicelulares e pluricelulares, níveis de organização e sistema sensorial, sendo desenvolvido através da estruturação de diversos experimentos com a formulação de hipóteses e observação e escrita dos resultados obtidos. Conteúdos em que não puderam ser desenvolvidos atividades experimentais, por exemplo, a visualização das organelas celulares, foi trabalhado com figuras coloridas e ilustrativas, facilitando o entendimento.

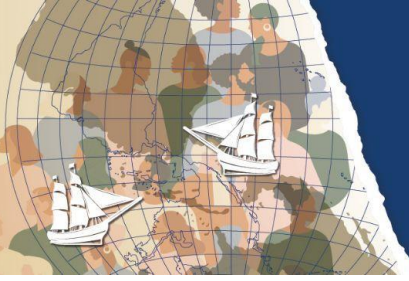
A avaliação ocorreu de forma processual, concebendo as funções diagnóstica e formativa, observando a evolução da turma nas diferentes atividades propostas, bem como avaliação somativa, pontuando algumas atividades no decorrer das 20 aulas e a realização de uma prova, com material para consulta elaborado pelos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente as informações sobre a turma referentes a inclusão eram de que havia três alunos diagnosticados com TDAH e um aluno sem diagnóstico, assim, logo no início, foram pensadas atividades mistas que envolviam representações na forma de desenho ou ainda em que o aluno pudesse optar pela forma que se sentisse mais confortável para expressar seu entendimento frente a uma atividade, podendo ser escrita, desenho ou respondida oralmente.

Conforme descrito por Barros; Costa; Gomes (2021), ações como atividades em pequenos grupos ou individuais, curtas, elogios e parabenização pelos resultados, atividades prazerosas e de relaxamento como pinturas, jogos e trabalhos com massa de modelar contribuem na rotina em sala de aula para melhor atender alunos com TDAH.

Atividades de experimentação práticas que facilitassem a visualização também foram propostas com o objetivo de tornar o conteúdo visual, proporcionando materialidade aos conceitos, uma vez que, o ensino das ciências pode, por muitas vezes, parecer abstrato e se



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



tornar de difícil entendimento, em especial quando consideramos estudantes com TDAH.

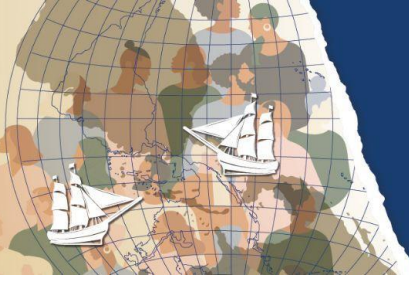
Ensinar a turma toda, requer mais que usar recursos didáticos como falar, ditar e copiar aprendendo conceitos decorados. O ensino inclusivo deve ser aquele onde todos interagem com o professor e os colegas construindo ativamente conceitos, valores e atitudes, onde os espaços e propostas educacionais são explorados, buscando perceber o aprendizado de cada aluno e como proceder para avançar nessa exploração (MANTOAN, 2003)

De acordo com Soares *et al.* (2022), o ensino de Ciências da Natureza é abordado na maioria das vezes, de forma teórica, não contextualizada e desvinculada da realidade do aluno. Isto deve-se, em parte, pela complexidade no estudo dessa área, por possuir muitos termos científicos associados à sua classificação, estrutura e ciclo de vida, e parte, pela escassez de material, fato que pode tornar o trabalho do professor ainda mais difícil.

Dessa forma, metodologias interativas foram realizadas buscando despertar a curiosidade dos alunos, uma vez que, para haver aprendizagem é preciso que haja a motivação dos alunos, incentivar o aluno à aprendizagem significa criar um conjunto de estímulos capazes de despertar a motivação para o aprender (HEBERLE, 2011). Além de questões intrínsecas e individuais que facilitam ou dificultam o processo de aprendizagem, tanto nas especificidades de um aluno com TDAH, quanto a todos os alunos que por vezes passam por dificuldades em concentrar-se no momento da aula.

No entanto, ao longo do desenvolvimento das aulas percebeu-se que a tarefa mais difícil não seria facilitar o entendimento dos conteúdos aos alunos “diagnosticados” ou com visíveis dificuldades de aprendizagem, mas sim realizar a inclusão das diversidades e do modo como manifestavam as diferenças, nessa turma. A turma é extremamente dividida entre meninos e meninas, os meninos, grande maioria, fazem questão de marcar sua presença, são agitados e ditam o andamento das aulas. As meninas, quietas, sentam-se ao fundo da classe, somente se manifestam quando instigadas, porém, desenvolvem as atividades de forma rápida e envolvem-se na proposta com qualidade.

Além da separação de gênero também foram percebidas situações que envolviam, até inconscientemente ou de forma naturalizada entre o grupo de alunos, falas com preconceitos raciais, como “macaco”, “o negro aguenta tudo, professora” e ainda falas com discriminação em relação aos alunos com diagnóstico, como “fica quieto fulano você não sabe ler”, “somente



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



PCD precisa de ajuda”, entre outras situações que foram ouvidas e percebidas ao longo das aulas. Ainda, situações de alunos que já trabalham para ajudar nas contas da família demonstrando uma preferência pelo trabalho e um desinteresse pelos estudos também se fizeram presentes em algumas aulas, onde foram proferidas falas como “Profe, para que estudar ciências?” “Eu ganho cinquenta reais ao turno de serviço”.

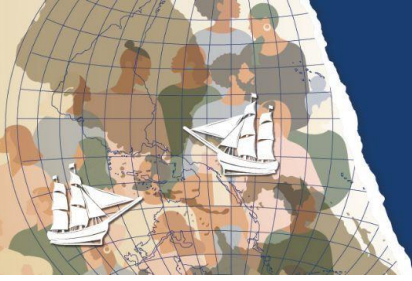
Nesse contexto Mendes (2006) aponta que a escola inclusiva deve ser uma escola que recebe e inclui a todos os alunos sem discriminar cor, raça, etnia, gênero, orientação sexual e/ou qualquer condição física, social e psicológica, não se tratando a inclusão apenas de pessoas com deficiências de aprendizagem ou deficiências físicas.

Inicialmente essas situações foram ignoradas pensando-se ser algo pontual, também, por num primeiro momento não saber como agir, no entanto, entende-se que o professor é um dos atores principais no processo de mediação das diferenças em sala de aula, assim é ele que precisa intervir nessas diferenças problematizando e movendo-os a uma reflexão visão crítica, mais consciente do respeito mútuo, tratando cada sujeito com a dignidade a ele garantida.

Com o passar das semanas percebeu-se a necessidade de, apesar da autonomia limitada enquanto estagiária, propor conversas a respeito desses assuntos quando eles surgissem em sala de aula. Deste modo, sempre direcionando para as ciências tratando a cor da pele com herança genética, ou que todos possuem capacidades e habilidades diferentes e frisando que todos temos potencialidades e dificuldades, assim foi-se conversando com os alunos.

É preciso lembrar que os alunos não são objetos que podem ser categorizados, são seres concretos, pessoas que se originam dos mais variados grupos culturais e representam diferentes contextos sociais (MANTOAN, 2003), possuem hábitos, crenças e estilos de vida que são levados para o ambiente escolar e devem ser considerados. Para Lucio (2021), a inclusão e suas práticas giram em torno da produção da identidade e da diferença, assim, falar da inclusão não significa necessariamente falar das diferenças que as pessoas possuem, pois deve-se valorizar o sujeito independentemente de qualquer diferença existente, o qual deve estar incluído em quaisquer âmbitos.

Deste modo, a escola inclusiva deve reiterar diretrizes e práticas decorrentes da concepção de que a educação é um processo histórico e tem, como cenário específico, o espaço escolar inserido no contexto social (ALMEIDA *et al.*, 2007). Cabe lembrar que uma escola



XXIII ENACED
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
III SIEPEC
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS
V ENTECI
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



inclusiva não depende apenas dos educadores e gestores, depende também, da parceria escola/família e das políticas públicas educacionais, protagonistas dessa realidade (LUCIO, 2021).

Segundo Almeida *et al.* (2007), uma das problemáticas das políticas de educação inclusiva, para contemplar a diversidade, é resultante da forma isolada, como são reivindicadas, as necessidades diferenciadas de inclusão. Isso dificulta o delineamento de princípios básicos para uma educação inclusiva, que atenda as diferenças, quando se reforça apenas a especificidade das demandas de cada grupo e movimento (indígena, negro, homossexuais, mulher, pessoa com deficiência, etc).

Esta problemática também está refletida no texto de Mendes (2006) em que aponta como uma das falhas frequentes das propostas políticas de inclusão escolar a tendência a padronização do processo, como se fosse possível desenvolver uma perspectiva nacional única, ou prescrever padrões para contextos locais, como os sistemas estaduais ou municipais, desconsiderando os efeitos que suas histórias assumem sobre a prática e a política.

Nas palavras de Mantoan (2011), as políticas educacionais continuam insistindo em “apagar incêndios”, elas não questionam a produção da identidade e da diferença nas escolas e continuam distantes das questões que levam aos processos de exclusão nas escolas; logo, o discurso da inclusão é distorcido, restringindo-se a um pequeno grupo de pessoas (os alunos com deficiência) e continuamos a excluir tantos outros alunos que expressam suas múltiplas diferenças, como cor, gênero, classe social e suas interseccionalidades.

A fim de se realizar atividades para todos pensou-se em aulas com materiais visuais, com leituras e interpretações, com a realização de atividades de experimentação, as quais permitiram a todos os alunos visualizar e experienciar o conteúdo que estava sendo trabalhado. Aulas com exercícios com múltiplas possibilidades de expressão na resposta (desenho, escrita, por exemplo), inclusive nas atividades avaliativas, atividades em grupo também foram bastante exploradas, buscando facilitar a compreensão de todos os alunos, a interação entre eles e almejando a possibilidade de todos desenvolverem a mesma atividade, porém da forma que se sentisse mais confortável.

Dessa forma se percebeu que os alunos com diagnóstico conseguiram desenvolver de forma satisfatória todas as atividades oferecidas pelo professor, demonstrando-se interessados



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



e comprometidos com o bom andamento. As aulas com base em atividades de experimentação possivelmente contribuíram para despertar o interesse desses alunos, uma vez que permitiram vivenciar as atividades e construir os conceitos com apoio no material sensorial.

Na mediação dos conflitos as problemáticas foram associadas ao conteúdo de ciências, quanto a cor da pele, foi lembrado aos alunos que é herança genética transmitida pelos nossos genes e que somos feitos de múltiplas misturas de povos, na aula de experimentação foi a oportunidade ideal para evidenciar que as células não possuem cor, a única cor evidenciada foi a do corante utilizado (giemsa), logo todos somos semelhantes biologicamente falando.

Quanto ao desinteresse pelas ciências, procurou-se lembrar aos alunos que a ciência está presente nas coisas mais simples, inclusive naquelas que normalmente não percebemos, como por exemplo no funcionamento do nosso corpo, na nossa respiração, no verde das árvores entre outros exemplos citados. Já quando o assunto era os alunos diagnosticados com TDAH, mostrou-se a eles que todos possuímos habilidades e dificuldades, que diferenças existem, mas elas não excluem nem diminuem ninguém.

Algumas situações não puderam ser interferidas, pois fugiam da autonomia enquanto estagiária, a exemplo do espelho de classe, pensa-se que modificações simples na estrutura da disposição dos assentos, misturando meninas com meninos, poderia assim diminuir a explosão de energia dos meninos e inserir mais as meninas na participação das aulas, alterar os locais de assento dos alunos com dificuldades de aprendizagem, trazendo-os mais para o centro da sala e mais próximos ao professor, facilitaria o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, medidas simples que possivelmente melhorariam a qualidade do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante lembrar que o processo de inclusão é uma problemática que não se refere apenas às pessoas com deficiências intelectuais ou físicas, ele é muito mais amplo contemplando todas as diferenças (raciais, classe social, gênero: mulheres, pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexo +). Ao passo que incluir não é simplesmente inserir as diferenças em uma sala de aula e adaptar atividades para que um determinado grupo



XXIII ENACED

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

III SIEPEC

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

V ENTECI

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA
E DECOLONIALIDADE:
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024
Unijuí, campus Ijuí



ou aluno consiga executá-las, a adaptação deve ser para que todos consigam executar a mesma atividade, porém da forma que lhe for mais confortável, promovendo múltiplos aprendizados.

Além disso, o processo de inclusão deve ser vivido por toda a comunidade escolar, servidores, direção, professores e famílias, contando ainda com o apoio da sociedade e das políticas públicas, para de fato, poder realmente ser vivenciado na prática e no dia a dia escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. de *et al.* **Política educacional e formação docente na perspectiva da inclusão.** Educação, Santa Maria, v. 32, n. 2, p. 327-342. 2007.

BARROS, C. A. U., COSTA, E. B. da S., GOMES, V. S. do S. **Dificuldades de aprendizagem de crianças com TDAH nas séries iniciais do Ensino Fundamental.** Revista Educação Pública. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 nov. 2023.

HEBERLE, K. **Utilização e importância das atividades lúdicas na educação de jovens e adultos.** Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2011.

LUCIO, J. S. S. **Inclusão escolar: uma reflexão sobre os alunos especiais no ensino regular.** Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 2021.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna. 2003.

_____. **A educação especial no Brasil - da exclusão à inclusão escolar.** Universidade Estadual de Campinas. 2011.

MENDES, E. C. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 33 set./dez. 2006.

SILVA, N. C., CARVALHO, B. G. E. **Compreendendo o processo de inclusão escolar no Brasil na perspectiva dos professores: uma revisão integrativa.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.23, n.2, p.293-308, Abr.-Jun. 2017.

SOARES, T. C., *et al.* **Praticando botânica: estratégias pedagógicas no ensino de briófitas.** Revista Thema v.21 n.1. 2022.

RODRIGUES, M. A. **Quatro diferentes visões sobre o estágio supervisionado.** Revista Brasileira de Educação v. 18 n. 55 out.-dez. 2013.